

ACTO 1

Cena 1

Entram António, Salarino e Solânio

ANTÓNIO Em verdade, não sei porque ando triste,
Isto cansa-me, e dizeis que vos cansa a vós;
Mas como o apanhei, achei ou passei por isso,
De que matéria é feito, de que nasceu,
Estou para saber.
E tanto a tristeza me limita o juízo
Que vivo num afã para conhecer-me.

SALARINO Vossa mente anda aos baldões no oceano;
Lá, onde vossos navios, de vela impante,
Como *signori* e burgueses ricos na torrente,
Como se fossem andores sobre as ondas,
Olham de alto para os minúsculos batéis
Que lhes fazem vénias e prestam vassalagem,
Enquanto passam por eles com asas de pano.

10

SOLÂNIO Crede-me, senhor, estivesse eu em tais negócios,
Meu sentimento estaria, quase todo,
Lá fora, com minha esperança. Estaria sempre
Com uma palheira na mão a ver donde sopra o vento,
A espiolhar mapas em busca de portos, cais

E ancoradouros, e tudo que me fizesse temer 20
Azar para os meus negócios; isso, sem dúvida,
Me entristecia.

SALARINO Só o meu sopro a arrefecer o caldo
Ia dar-me uma febre quando eu pensasse
No mal que vento forte de mais no mar faria.
Eu não veria a areia cair na ampulheta
Sem pensar antes em escolhos e baixios
E ver o meu valioso *Santo André*, encalhado,
A curvar o mastro mais baixo que o cavername
Para beijar seu sepulcro; haveria eu de ir
À igreja e ver o sacro edifício em pedra 30
Sem pensar logo nos rochedos perigosos
Que, tocando ao de leve o meu débil barco,
Me espalhavam as especiarias na corrente,
Vestiam as bramantes águas com minhas sedas
E, numa palavra, valendo agora tanto
E ver logo não valerem nada? Hei-de eu lembrar-me
De pensar nisto e não me lembrar de que,
Em tal caso, me haveria de entristecer?
Mas não me digais nada; sei que António
Está triste por pensar na sua fazenda. 40

ANTÓNIO Crede que não, dou graças à sorte por isso...
Meus negócios não estão entregues a um só barco,
Nem a um só lugar; nem tudo que possuo
Depende da fortuna deste ano.
Assim não é a fazenda que me faz triste.

SOLÂNIO Então estais apaixonado.

ANTÓNIO Ora, ora!

SOLÂNIO Também não estais apaixonado; diga-se então
Que estais triste por não estardes feliz; e seria fácil
Rirdes, pulardes, e dizerdes que estais alegre

Porque não estais triste. Pelo bicéfalo Jano! 50
 A natureza engendrou estranhas criaturas:
 As que espreitam sempre por olhos semicerrados
 E riem quais papagaios ao som da gaita-de-foles;
 E outras com aspecto tão avinagrado
 Que não mostram os dentes num sorriso
 Nem que Nestor jure que a piada tem graça.

Entram Bassânio, Lourenço e Graciano

Aí vem Bassânio, vosso mui nobre parente,
 Graciano e Lourenço. Passai bem,
 Deixamo-vos agora em melhor companhia.

SALARINO Gostaria de ficar até vos pôr alegre 60
 Se amigos de mais mérito não o tivessem impedido.

ANTÓNIO Vosso mérito é bem caro a meus olhos;
 Julgo que os vossos negócios vos chamam,
 E aproveitais a ocasião para partir.

SALARINO Bom dia, meus bons senhores.

BASSÂNIO E para vós ambos, *signori*, quando riremos? Quando?
 Estais a ficar esquisitos: tem de ser assim?

SALARINO O nosso lazer há-de servir o vosso.

Saem Salarino e Solânio

LOURENÇO Bassânio, meu senhor, já que estais com António,
 Vamos deixar-vos, mas à hora do jantar 70
 Não esqueçais onde devemos encontrar-nos.

BASSÂNIO Não vos deixarei mal.

GRACIANO O vosso aspecto não é bom, *Signor António*,
 Dais demasiada importância ao mundo:

Muito cuidado na compra é perda certa...
 Crede que estais espantosamente mudado.

ANTÓNIO O mundo para mim só é mundo, Graciano:
 Um palco em que todos desempenham um papel,
 E o meu é triste.

GRACIANO Deixai-me fazer de bobo,
 Venham com a alegria e o riso as velhas rugas, 80
 Que o meu fígado aqueça mais com o vinho
 Do que gele meu coração com mortais gemidos.
 Porque haverá um homem de sangue quente
 Sentar-se como seu avô talhado em pedra?
 Dormir quando ele acorda? E ficar bilioso
 Por ser rabugento? Sabes o que te digo, António
 (Tenho-te amor, e é o meu amor que fala):
 Há uma espécie de homens cujos rostos
 Ganham véu e coalho como águas paradas
 E mantêm um teimoso silêncio 90
 Com o propósito de se vestirem com fama
 De saber, gravidade e juízo profundo,
 Como quem dissesse: «Sou o Nobre Oráculo,
 E quando abro a boca, que nenhum cão ladre.»
 Ó meu António, conheço muito bem aqueles
 Que só gozam da reputação de sábios
 Por nada dizerem; quando estou bem certo
 Que, se falassem, quase danavam os ouvidos
 Que, ao ouvi-los, iriam dar os irmãos por loucos...
 Dir-te-ei mais sobre isto noutra altura. 100
 Mas não pesques, com esse isco de melancolia,
 Esse tolo godião, essa reputação...
 Vinde, bom Lourenço... Entretanto, passai bem,
 Eu termino o meu exórdio após o jantar.

LOURENÇO Bem, vamos deixar-vos até à hora de jantar.
 Devo ser um desses mesmos sábios mudos,
 Pois Graciano nunca me deixa falar.

GRACIANO Bem, faz-me companhia só mais dois anos
E não reconheces o som da tua língua.

ANTÓNIO Adeus, vou tornar-me um orador nessa matéria.

110

GRACIANO Obrigado, a sério, pois o silêncio só é louvável
Em língua de vaca seca e moça não vendável.

Saem [Lourenço e Graciano]

ANTÓNIO E é isso que agora temos.

BASSÂNIO Graciano diz uma infinidade de coisa nenhuma (mais do que qualquer outro de Veneza), as suas razões são como dois grãos de trigo em dois alqueires de alimpas: procuram-se todo o dia antes de se encontrarem, e, quando se encontram, não valem o trabalho da busca.

ANTÓNIO Bem, dissei-me agora que senhora é essa
A quem jurastes fazer romaria secreta...
De quem me prometestes falar hoje.

120

BASSÂNIO Não vos é desconhecido, António,
Quanto eu tenho desbaratado os meus bens,
Pelo viver, em parte, mais extravagante
Do que meus modestos meios permitiam:
Nem me carpo agora por ver reduzido
Esse viver à grande; o meu maior cuidado
É livrar-me por inteiro das grandes dívidas
Em que a vida (demasiado pródiga)
Me empenhou; e é a vós, António,
Que mais dinheiro e amor devo,
E pelo vosso amor estou autorizado
A revelar todas as artes e intenções
Para me livrar das dívidas que tenho.

130

ANTÓNIO Rogo-vos, bom Bassânio, que mo conteis,
E se isso estiver, como vós estais ainda,